



# O Gaiato



Visado pela  
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX \* N.º 224 \* PREÇO 1\$00

## PATRIMÓNIO

Não era preciso mais nada: esta fotografia e a legenda que o próprio Padre Américo escreveu, ao dar com os olhos nela, dizem tudo.

É a oração de Fátima! Até ao último momento recusou-se a falar naquele lugar: «eu já não sei falar da Teologia Mariana. Como Paulo, não sei de outra coisa que não seja Cristo, e este crucificado—Cristo nos nossos irmãos pobres». Mas uma força do Alto o impeliu e teve de pregar. Não foi um improvisado, foi uma inspiração do Espírito Santo.

Não escreveu, não decorou. Ninguém registou à letra as suas palavras, muito menos a expressão mizgada, sincera, ardente da sua voz.

Impossível reproduzir aqui. Felizes os que o ouviram, mais felizes os que começaram a pôr em prática a doutrina ouvida, e os que se não escandalizaram.

Com sempre, a semente, por ser do Evangelho, lançada aos quatro ventos, encontrou bom e mau terreno.

Alegrou, fez chorar. Por toda a parte um coro de louvores. Também houve escandalizados. Não admira: era já assim naquele tempo, quando o Mestre falava.

Alegrou-se os pobres «porque falou de nós em Fátima»; alegraram-se muitos, bem intencio-

nados, porque nunca tinham ouvido aquela doutrina—Perdoe-nos P.<sup>re</sup> Américo! dizia um rico senhor joelhado aos seus pés. No Padre via o Representante de Deus e dos pobres. Ele pedia perdão aos pobres pelo abandono a que os votara até então.

Do escândalo, aqui está uma falar por todos. É uma carta de quatro longas folhas. «Sabeis quanta angústia, espanto e até escândalo causa o silêncio do Padre Américo sobre N.<sup>a</sup> Senhora, as aparições, Fátima? Imaginais a variedade inconcebível de maldade e facciosismo, jacobinismo e anticlericanismo que muitos conseguiram tirar da oração do P.<sup>re</sup> Américo em Fátima em relação aos

pobres, sobretudo em relação aos párocos que voltariam por outro caminho».

Quem assim se escandaliza, do mesmo modo se pode escandalizar por não ter a própria Virgem falado só dela, pois entreteve-se a falar de Cristo Crucificado pelos pecados do mundo, do inferno, da luxúria, da guerra, do Papa etc. Até é possível que alguém se escandalize por ter a Jacinta tantas vezes repartido a sua merenda pelos pobresinhos. Teria N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> perdido o tempo a ensinar aos pequeninos uma coisa daquelas?...

Mas que disse afinal o Padre Américo? (SEGUE NA PÁGINA DOIS)

## POBRES



"O Senhor Deus disse, digo, ao Espírito Santo."

Torno ao bar, ao «Quanza», aonde me quero demorar mais uns minutos para falar de cutrys que ali foram ao nosso encontro. O primeiro a entrar foi o Carlos Alberto.

Cumpriu. Tinha-me dito por carta que assim havia de ser e foi Carlos Alberto que saiu de Lisboa no último Abril para um emprego. Depois de ocupar toma alturas e por si mesmo escolhe outro melhor. Mas ele não está contente. Ele quer mais e melhor e agora pede-me. Fomos ambos ao proprietário da Casa Americana de Luanda e dois dias depois despede-se da firma aonde estava e começa nesta. São assim os rapazes da rua. Herculano, outro da rua, sofreu uma tão forte comoção que houve de tomar uma cadeira e sentar-se nela. Todo ele era espanto. Todo ele agradecimento. Eu nunca esperei na minha vida ganhar cinco contos por mês. Francisco carpinteiro, que chegou há quatro anos, basta-se. Está trabalhando nas horas vagas na casa que há-de ser sua segundo plano magnífico do governo. Pôde comprar uma máquina de costura para a sua mulher. Pôde fazê-la seguir na companhia do filho até Portugal para refrearse. No regresso instala-se na nova casa. Traz consigo a mãe. É mais um colono. É menos um infeliz a mendigar trabalho em Portugal.

Do César, tipógrafo, digo precisamente o mesmo; este já mandou vir três parentes. Do Herculano, digo que mandou vir e tem aqui colado muitos mais. Isto chama-se coloni-

zar. Colonos sólidos. Sérios e prometedores que instalam o seu lare proclamam afoitamente ser aqui Portugal. Amadeu que veio connosco mal aqui chega, é disputado pelos



O Manuel do embrulho do átrio da capela assiste a uma defesa do «lua» e assim esquece a saudade do Pai Américo clubes da terra. Escreveu ficha na filial do Porto o Futebol Club de Luanda. A primeira vez que joga, ganha o seu club que já de há muito vinha perdendo. Foi aqui um delírio. Viva o Padre Américo. Viva a Obra da Rua. E logo prometeram assistência à sua mulher que vem no fim do tempo. E prometeram ajudá-lo na construção de uma sua casa. Tudo menos dinheiro. Os clubes aqui não oferecem dinheiro. Eu acho isto ótimo. Amadeu é carpinteiro e está colado. Temos aqui andado na boca da imprensa e na boca do Rádio Clube de Angola. Isto é inevitável. É a na-

## CHEGOU A MINHA VEZ

CHEGOU a minha vez! Eu venho a tribunal. É o tribunal das contas. Não há último dia sem tribunal e sem contas—eu estou no último dia.

Quería pagar-vos, mas considero-me insolvente. Não posso abrir a carteira, ela infelizmente não tem que dar, Abro-vos o meu coração, ele está ferido e esmagado—eu estou no último dia!

Vou alegre por ter de partir, triste por não poder ficar.

Pai Américo acendeu uma nova chama no nosso país e mais nada quer senão que ela se ateie, até ao Céu. Eu vou acendê-la nos Açores.—dizem que lá também é Portugal.

Esta ideia enche-me de entusiasmo dá-me forças para a despedida e a sua realização será a moeda com que vos pagarei.

Se eu avançar, animai-me. Se eu retroceder repreendei-me. Sois os meus juizes, os meus credores. Eu estou no tribunal das contas!

Dizei para lá: Não foi para isso que vos sentámos à nossa mesa; não foi para isso que vos preparámos uma

cama fôfa, que vos acarinhámos.

Eu sou bom entendedor. Meia palavra basta!

Pai Américo não está presente, eu sinto-o em cada um de vós e é em cada um de vós que eu o abraço, nesta hora de saudade.

Não venho mais às vossas casas! O meu coração fica por aqui, certo de que assim será mais fecunda a minha Obra nas Ilhas.

Sois uns mágicos! Roubastes-me o peito logo na primeira hora.

Continuai a rezar pelo vosso amigo e pedi ao Senhor que entre brevemente na adorável «Obra da Rua».

Rezaí pelos meus rapazes dos Açores. Eles são portugueses e cristãos como vós.

Falta-lhes apenas um braço que os levante.

Eu já lá vou tirá-los da lama.

Não sei dizer-vos mais nada. Sou pobre, não tenho que vos dar!

Deixo vos o meu coração e o meu reconhecimento.

Por tanto amor, seja por Amor de Deus. P.<sup>re</sup> André

# ISTO SÓ ELES!

A secção—isto é a Casa do Gaiato—está suspensa na ausência do Sr. P.<sup>o</sup> Américo.

Só ele, mais ninguém, pode colorir os pequenos nadas da vida de cada dia de modo a tornar esta coluna a mais atraente do Famoso.

Cantar hinos ao Criador com estrofes tirados das flores, dos passarinhos, dos patos, do Zé Ganso e do esterco das vielas, só um génio. Nós não passamos da vulgaridade.

Mas para não privar-nos os nossos leitores, do delicioso e imprescindível manjar, vamos preencher a lacuna com pílulas de sabor bem diferente, composta embora dos mesmos elementos básicos.

Ora atendam:



A nossa mata mudou agora de nome. É a *Coreia!*

Uma dúzia de trabalhadores abre furos no granito, desloca pedras a cantar, levanta muros de suporte—e faz cêra! De vez em quando acende-se o fogo ao rasilho e os tiros sucedem-se—é a *Coreia!*

Um grupo de batatitas, com as suas padiolas, removem montanhas de terra. Atrás deles fica uma larga faixa de terreno de cultura, mas calcado como uma estrada. O *Comandante* destas tropas é o *Sej* quim; a casa da mata é o *quartel general*; as 10 toneladas de batatas que já este ano se colheram no terreno desbravado, são as *munições*.

Temos a *Coreia* pacífica ao pé do Porto.

Ninguém tenha medo!



Continuam a chegar reclamações à Administração do famoso. Uma senhora já pagou três vezes o livro com 100 de cada vez e parece-me que não fica por ali.

A primeira confusão vem dos que pedem; a segunda dos que expedem; a terceira dos Senhores que com a *Bola*, os desportos e corridas põem na lua a cabeça destes gaiatos. Já não bastava a ausência do Avelino enquanto vai ao Porto tirar a carta de condução!... Zé Eduardo, Fatsca e mais *dôtores* que se atiraram ao expediente atrazado desde Abril (1) inventaram mais um expediente para reclamações. Quando apanham o Avelino de costas, vão aos ficheiros à procura dos jogadores e aficionados, marcam pontos aos que já pagaram (e não pagaram) a assinatura. Cada qual marca para o seu Club.

No meio desta batalha de pontos, quem os perde afinal são os assinantes.

Ainda agora, por causa do retrato do Pai Américo se não acudimos à administração, 400 leitores ficavam sem «O Gaiato».



Aqui está um felizardo que vem reclamar pela primeira vez.

Felizardo sim porque os há que reclamam duas, três

e mais vezes e continua tudo como dantes. Mas oíçamos este que até nos trata por «amigos».

*Caros Amigos*

Com os *m* melhores desejos de boa saúde e paz no SENHOR, venho: em primeiro lugar, felicitar-vos e ao mesmo tempo agradecer-vos a pontualidade com que tenho recebido o «Gaiato»; visto que desde o n.º 1 que o recebo e sempre com a maior regularidade—nem uma falha; em segundo lugar, venho informar-vos de que não recebi o último número. Se fosse um número vulgar, contentar-me-ia em ler o dos outros, mas assim, não! Cá com ele...



Outra do Zé Eduardo. É para o Snr. P.<sup>o</sup> Américo, quando este «Gaiato» ler em Silva Porto, mandar uma carta a pedir pelo seu menino.

Constou por aí que só iam para praia os miúdos que tivessem carços no pescoço. Foi uma proclamação: todos tinham carços. Muito doloroso e pungido, quem é que vinha debaixo do pálio?

--Zé Eduardo! O atleta da Académica!

Ele já sabe que nas minhas mãos não faz farinha, por isso melhor é mandar uma cartinha para a África a pedir esta *consoladela*... além da *pensãozinha*, que se lhe acabou.



Um dos *dôtores* que não tem *pensãozinha* mas que quer acompanhar a sociedade no que diz respeito a elegância, veio ter comigo a pedir também uma ajudazita de custo. A vaidade dele não vai muito longe. Está apenas nas unhas bastante compridas; enquanto a dinheiro, 10 escudos já lhe chegavam.

—Sim senhor: dou-te 20\$ mas há-de cortar as unhas rentes.

—Ora bolas, isso é que é cortar as unhas rentes!

A condição não servia. Ficou sem o dinheiro.

Entretanto entrou na Aldeia mais um elemento de desordem: um cavalo. O Sérgio comprou ao Fidalgo um cavalo. É uma *consoladela* para os do campo.

O nosso doutor quis também aprender a cavalgar. Era a primeira vez que montava. O cavalo começa a correr, o doutorzinho desequilibra-se e aí vem ele estalar-se no chão.

Apalpa a cabeça, apalpa as costelas, os braços e as pernas, está intacto—nem uma beliscadura. Olha para as unhas... oh! desgraça! estão todas partidas!

Sempre foi azar: sem dinheiro e sem unhas!



Mais outro azar: O cavalo do Sérgio foi ao chão com o cavaleiro.

O que valeu foi o Sérgio saber cair. Salvou a cabeça, o tronco, os braços, as pernas e os pés.

Depois duma maçagenzinha,

## NOTÍCIAS DA ERICEIRA

Mais uma vez volámos. Já toda a gente o sabe pelo menino Chochas, o qual, sem outro assunto, não se importou nada de meter foice em stara alheia e roubar no fciás que não são da sua alçada.

Uma traíçoazinha... que por esta escapa!

Apesar da solidão do nosso burgo ainda aparece quem se lembre de nós. O Ti Manel deu-nos dois pargos e meio cento de sardinha. E dá-nos sempre boa vizinhança e amiga.

Alguém que eu sei mas não digo, deu uma fartadela de melancias, a uma merenda. Na praia da Foz um senhor 20\$.

Também já houve uma vez arroz de polvo, oferecido por não sei quem. Que pena não o ter provido!

A malta tem andado este ano muito pesqueira. Por isso o Ernesto já viu algumas vezes resolvido o problema da ementa: mexilhões, lapas, etc., etc.

Gosto de ver assim a minha gente bem tratada... e baratinho.

A lição do «Presidente» de Paço de Sousa não tem sido aprendida.

Há dias foi aqui um espada-lhão. O casal ocupante quis ver a Capela. Um seminarista mostrou.



Ericeira: Uma capela vestida de branco duas casas de madeira o oceano infinito a entrar pelos olhos de 25 raçaxes!

Depois foram as nossas instalações. Tudo muito bonito, muito interessante. A Obra do Sr. P.<sup>o</sup> Américo muito digna de ajuda. Tudo tão bem, tão merecedor, que ele deixou 25 tostões e ela 10!!! Ora tomem!

Nem tudo são rosas.

Outro dia foram todos até ao pinhal. Passou-se à beira de um pomar. Lá dentro pereiras Nas ditas, peras. Desta feita foram peras a maçã do pecado.

Camões, S. Vicente e Américo caíram. Foram apanhados. O dono reclamou. Mas quando soube que eram filhos de Pai Américo desdisse o que dissera.

Olhai lá rapazes quanto o mundo vos ama, que até vos permite que o roubeis! Olhai a vossa responsabilidade, o que esperam de vós—e sede homenzinhos, sede honestos. C. G.

veio a apurar se que apenas tinha deslocado a omoplata.

Mas não foi nada. Uns diazinhos de descanso e lá andam outra vez, cavalo e cavaleiro em bondadas.

Já hoje o Sérgio se atirou à vindima!

## Património

DOS

## POBRES

Éis o resumo que os jornais do dia reproduziram.

«Fala do pobre crucificado, declara que vem fazer uma oração no monte da Virgem. Apela para a compaixão de todos, para que todos curem as feridas dos pobres, dando assim testemunho de Cristo. Lembra a divina parábola do Bom Samaritano.

O Samaritano do Evangelho é o único que ganha todas as partidas. Naquele tempo passavam perto do pobre espoliado e ferido todos os bem instalados na vida, os comerciantes de alma opaca e gelada, todos os ególatos que se não comovem. Passaram também sacerdotes formalistas. Todos passaram, um de cada vez. Mas só o Samaritano parou, para se curvar diante dos sofrimentos do pobre. Por isso o Samaritano foi pregado e anunciado por Cristo.

Só ele vive. Todos os mais vegetam.

Que nos trouxe aqui? Pedir. Pedir cada um para si próprio como faz o mundo laico.

Peçamos para os outros e deste modo faremos justiça. Peçamos uma coisa do tempo: uma moradia para aquele que não tem onde dormir. Vamos construir casas pequeninas, mas arejadas e limpas. Casas para os pobres. De Abril de 1951 a Abril de 1952 construíram-se 26. Como se arranjou dinheiro para tanto? Amando.

Como se descobrem pessoas que sejam generosas?

Amando

Dirigindo-se aos Sacerdotes e principalmente aos Párcos, acentuou que muitos voltariam para a sua freguesia por caminho diverso daquele que os conduziu a Fátima, isto é, pensando de outra maneira. Iri m fazer justiça. Sem justiça não há amor, nem há paz.

Citou o caso recente de uma família de seis pessoas crescidas e uma criança de berço a viver miseravelmente num ourral, no meio de animais. Esta família está perto a receber, pronta, a sua casa.

Quem operou o Milagre? A Justiça!

Não; esta doutrina não pode escandalizar nenhum homem de boa vontade. Aos outros, perdoo-mos.

Quanto aos padres que se poderiam julgar ofendidos, não os escandalizou tal doutrina. Pelo contrário. Estamos a receber diariamente cartas deles a pedir o regulamento e plantas das casas para pobres. A nossa tipografia trabalha abressadamente para satisfazer alegremente estes pedidos.

Não se escandalizaram; não se ofenderam.

Voltaram por outro caminho. Louvemos e admiremos os nossos Padres.

Irmãos em Cristo: avante!



# ÁFRICA À VISTA

CONTINUAÇÃO

tural galardão de todo o mortal que por amor de Deus se dá aos mortais. O nosso documentário passou no cinema Nacional, ao qual eu não pude assistir por causa duma constipação que estava aqui à minha espera; mas falei. Vieram gravar ao meu quarto de doente e eu disse durante 20 minutos. Os rapazes, envolvidos na minha capa também disseram. Foi um sucesso. Foi um pequeno Coliseu. Foi melhor do que se eu tivesse estado. Eu já não faço falta.

Luanda vai dar muito que falar. Os senhores alegrem-se e apurem os sentidos, porquanto, é quase certo que por mais de 12 meses esta epigrafe há de aparecer no «Galato». Ontem de manhã alguém disse, num grupo aonde estávamos muitos que eu era o maior poeta português. Eu estava e ouvi. E tomei tudo à conta de reinação. Para usar a gíria dos meus rapazes, aquele senhor que assim falou estava me a gozar. Ele percebe e diz assim: *acredite. Quem lhe fala é o Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.* Em virtude de um tamanho nome, não tive remédio senão calar-me e dizer que sim; por isso torno a dizer. Os senhores alegrem-se e agucem, que vamos ter um ano de poesia.

Nós éramos para nos demorar apenas uma semana nesta cidade, sim, mas como Deus é quem dispõe, correram as coisas contra a minha vontade, tendo estado por mais de 8 dias no leito duma casa de saúde. Aceitei alegremente e racionalmente; se aquilo não estava no meu programa nem era também da minha vontade, segue-se, logicamente que estava cumprindo a de Deus; e é isto o que mais importa a cada mortal. Não são de dizer a ninguém os cuidados que ali me tributaram, nomeadamente o meu médico Dr. Ferreira Lemos, a quem Deus prolongue a vida por muitos anos.

Apenas tive alta comecei a trabalhar. Primeiramente foi no Rádio Clube de Angola. Colocaram tudo e todos à minha disposição e eu sentime no dever de aceitar e assim daquela sorte, pregar Cristo Ressuscitado a todos os habitantes de Angola. Algumas vezes escrevia, outras falava directamente e estas foram mais. Gostei de verificar o critério de Luanda; não há censura. Também me foi possível falar algumas vezes ao público, dentro de grandes salas, em sessões previamente anunciadas. A primeira teve lugar no Palácio do Comércio. Os jornais anunciavam enfaticamente *uma Conferência do Padre Américo*. Por conferência entendia o público uma coisa muito importante. Na verdade antes de mim, tinha estado naquela mesma sala uma notabilidade. Em geral, quando assim é afastam-se as cadeiras umas das outras para ocupar maior espaço e dar a impressão de que é muita, a pouca gente que aparece. Há igualmente os convites com pedido especial de não faltarem com receio de um fiasco. E há por último a mesa da presidência e ao lado a do conferente, com tudo quanto lhe pertence. É isto mesmo ao que todos estamos afeitos e era justamente o que naquela noite se esperava num dos salões do Palácio do Comércio, graciosamente cedido. E saiu tudo às avessas. Não estava lá a presidência nem a mesa do arador. As cadeiras comprimiram-se. Mais de metade do povo enchia os corredores. Outros era no largo. E em vez de uma conferência aparece um mendigo. Um pobre de Cristo a fa-

lar dos pobres de Cristo. Tanto bastou para que, no dia seguinte, as coisas mudassem, na sala do Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria. Tudo à larga. Tudo rasgado. Alto falantes cá fora, e o mesmo pobre de Cristo a dizer das suas experiências. Nunca tal se viu.

A nota dominante de todas as minhas comunicações ao público tem

## AQUI, LISBOA!

Foram 24 horas de chuva sem descanso.

A quietude é agora quem reina. Da terra solta-se o bom perfume que sempre há depois destas chuvas anunciadoras de outono. As nossas ovelhas e as vacas pastam nos campos.

Passei há pouco perto dos *batatas*. Andavam rondando. *Presidente* vem ter comigo e informa que não têm chefe. Pelo visto não temos cá anarquistas! Foi junto deles e perguntei qual o mais respeitável.

—Bate-Chapas.

—Pois já têm chefe.

—Lá continuam merecendo o seu pão por via do suor do seu

rostro. O trabalho é o mais precioso dos nossos bens aqui em casa. É o grande remédio das feridas deles. Eu regalo-me a vê-los na sua faina e puxo por todos. Até o Zécal sucede mesmo que por causa deste meu regalo temos os dois, às vezes, grossas arrelhas. Mas tudo se compõe. A noite pergunto-me invariavelmente: *onde tu dormes?* e ficamos sempre bons amigos.

É pena que o trabalho proporcionado às forças de cada um não chegue para o seu sustento. O nosso trabalho não chega, mas o Pai Celeste supre e o preciso nunca falta.

São 115 bocas, são obras cá dentro, são pobres, são casas para eles... Porque Deus quer todas as despesas é fácil o nosso orçamento das receitas. O *Binco* que nos financia não corre o risco de ver os seus valores roídos pela traça.

*Para ajuda de uma casa de uma pobre*, alguém deixou ao Pároco de Fátima 250\$ pra nos entregar.

Uma devota de S.<sup>ta</sup> Filomena paga a sua promessa: 20\$. «Uma figueirinha», que já tem tarimba nestas colunas, manda 20\$ para a família numerosa do Bairro da Misericórdia. De Oeiras duas camisas de ferro e o trabalho de as despachar até cá.

Um motorista que ganha 28\$, veio visitar-nos mais a mulher. Tem três filhos. Ficaram 50\$ para uma Missa por alma de seus pais e sogros, outros 50\$ para o Património e mais 20\$ por um livro. Eu não queria aceitar, mas ele foi mais teimoso. «Deixe lá... São as gorjetas e o gosto de aju-

sido o «Património dos Pobres.» Não consta da história de Portugal que alguém tenha saído de Lisboa numa tão alta missão; e hoje mais elevada pela sua urgência. Todos assim compreendem e querem naturalmente ajudar *O óbulo da viúva*, aqui como em Portugal, continua a ser toda a riqueza da nossa Obra. Erguem-se por toda a parte subscri-

ções entre os remediados. O Engenheiro Trindade, Director da Brigada de Construções de Casas do Estado, aonde trabalham centenas de artistas, vem-me anunciar o desejo espontâneo de cada um dos seus homens oferecer uma hora de trabalho para o «Património dos Pobres.» Mas isto é espantoso! Mas isto é uma epopeia. Ainda que viesse até a mim um homem rico de Angola dar metade da sua fortuna, cada um destes operários dava sempre muito mais. Porquê? Porque o primeiro é das sobras e o segundo, do que precisa para o seu sustento. É assim o *óbulo da viúva*. Mais. Tal como nas ruas e caminhos de Portugal, também em Luanda me apareceram pessoas discretas com casas do «Património» dentro dum envelope. Mais ainda. Um casal do Porto dá uma casa. Engenheiros e capatazes de uma firma do Porto que tem aqui a empreitada do abastecimento das águas, também eles me deram migalhas suficientes para a construção duma casinha. De sorte que tendo sido Luanda a porta por onde entramos no continente africano, acontece que logo aqui colhemos horas de certeza; a tal ponto que, em vez das cem que antes tubeava, agora digo mil. Que se alegre Padre Adriano. Que se alegre Padre Horácio. Que saia depressa do Seminário dos Clivais o Engenheiro Galamba. Que todos os vicentinos de todas as nossas casas ergam as mãos e vamos prás mil. Nós hoje, por mercê de Deus, somos uma voz em que o mundo acredita. E acredita justamente porque somos os mensageiros da verdade. Seja contra, seja a favor, que cause dores, que faça inimigos, que sare feridas: em tudo e sempre a verdade. E daqui, alegrem-se também os Pobres. Os próximos e felizes ocupantes. Que a barraca e a cortelha e mais lugares indecentes aonde se abrigam, venham a ter o seu fim neste nosso difícil peregrinar por terra aonde o sol queima.

dar uma Obra tão linda! Deus é Quem supre. Mais ninguém.

Livros de Júlio Verne e roupa usada e meia peça de riscado para camisas. Quem dera mais meias peças destas!

Pela licenciatura em Direito de um filho da Obra, «uma mãe» dá 100\$. Muitas vezes aparece aqui esta «uma mãe», mas eu cuido que são muitas.

Mais livros de aventuras, um divã, um pneu, remédios e selos. Uma aliança para celebrar por alma de quem tantos anos a usou.

No Montepio 550\$ moçambicanos que os nossos de além-mar lá depositam.

A Biceleense levou-nos à Ericeira na troca das raparigas pelos rapazes e agora mandou a conta Metade da despesa é com ela.

Na R. da Horta Seca estão os escritórios da Vacuum. Lá por dentro há incendiários.

Desta vez foi a Direcção da Companhia que ofereceu 40 litros mensais de gasolina para os nossos carros.

Possui o Famoso diversos cobradores que se apresentam devotamente de contas sempre em dia, sem a mira da comissãozinha. Um deles entrega 730\$ de assinaturas recebidas. A nossa Conferência não é esquecida: 20\$ e o piedoso pedido de uma Ave Maria pelas melhoras do marido. A «Maquela» desobriga-se duma promessa: 20\$. E à porta da Basílica da Estrela 400\$ a um dos nossos arduos.

Os empregados de «A Mundial» depositam no Montepio a 2.<sup>a</sup> prestação para uma casa: 406\$ e P. M. H., pedindo orações pela felicidade do seu futuro lar, manda 20\$. No Montepio, injeções de cálcio para os pobres da nossa Conferência e estreptomocina para o doente da R. dos Mercadores no Barredo. De visitantes e donativos vários 170\$. O pessoal dos Produtos Lácteos não falha ao seu voluntário compromisso: referente a Julho um vale de 368\$. Mais 50\$ para um livro e roupas usadas e mercearias. E os empregados da Vacuum com a sua mensalidade de Julho: 1 070\$.

No Montepio um nunca acabar de embrulhos. Andámos, o S. Vicente e eu, da R. do Ouro para a Praça da Figueira porque nas ruas da Bixia é um milagre encontrar lugar para a furgoneta. Eram roupas e fatos macacos e de malha e

livros de estudo mais de recreio e pratos de chocolate e uma farda do Colégio Militar e os três pacotes iguais (para T. Jal, Miranda e Paço de Sousa) da senhora do costume com os costumados objectos. Visitantes deixaram 517\$50 e de Lisboa, em vale, 1000\$ que fizeram um arranjo.

Uma empregada da Farmácia Andrade tinha amealhado para esta Casa 25\$. A morte não lhe permitiu entregá-los por sua mão. Colegas amigas cumpriram o seu desejo.

Maria da Paz pede a celebração duma Missa implorada a conformação à sua Cruz. E dá 200\$. Mais 740\$ de assinaturas e 470\$ de visitantes. E 50\$ dum casal brasileiro e outros 50\$. 10% do primeiro ordenado ganho na sua profissão, pedindo orações pela conversão dum ateu que, no entanto, aprecia a Obra da Rua. Se ele a aprecia conscientemente, pode dizer-se ateu, mas não o é.

E finalmente, eu que risquei um pedacito da furgoneta para fugir a uma camioneta fora de mão e um artista que trouxe tinta e um ajudante e aqui gastou uma tarde inteira deixando o carro a reluzir.

E graças a Deus.